



As Ilhas do Ouro Branco

ENCOMENDA ARTÍSTICA NA MADEIRA SÉCULOS XV-XVI

HORÁRIO
terça-feira - domingo
10h00 - 18h00

PREÇÁRIO
NORMAL
Exposição: € 6,00
Exposição + Museu: € 10,00

CRIANÇA (ATÉ AOS 12 ANOS INCLUSIVE) + ICOM + AICA + IMPRENSA + PROFESSORES E GUIAS INTERPRETES EM FORMAÇÃO OU EXERCÍCIO DE FUNÇÕES
Exposição: Gratuito
Exposição + Museu: Gratuito

JOVEM (13 A 18 ANOS)
Exposição: € 3,00
Exposição + Museu: € 9,00

SÉNIOR (+ DE 65 ANOS)
Exposição: € 3,00
Exposição + Museu: € 6,00

ESCOLAS/ POR ALUNO (GRATUITO PARA O PROFESSOR ACOMPANHANTE)
Exposição: € 2,50
Exposição + Museu: € 2,50

UNIVERSIDADES/ POR ALUNO (GRATUITO PARA O PROFESSOR ACOMPANHANTE)
Exposição: € 3,00
Exposição + Museu: € 3,00

DGPC + GAMNA
Exposição: € 3,00
Exposição + Museu: € 3,00

AGÊNCIAS E OPERADORES TURÍSTICOS
Exposição: Desconto de 10% por grupos de 20 bilhetes

VISITAS ORIENTADAS
PÚBLICO EM GERAL
(a partir de 24 de novembro):
quarta-feira, sexta-feira e domingo, 15h30
(exceto 1, 8, 24 e 31 de dezembro)
Inscrições individuais, limitadas, por ordem de chegada, até 30 minutos antes, por telefone ou presencialmente: 213 912 800 / bilheteira da exposição
€ 3,00 por pessoa

GRUPOS
terça-feira - domingo
Marcação prévia obrigatória: 213912800 / se@mnaa.dgpc.pt
(nos dias 17 e 18 de março não serão autorizadas visitas guiadas)

GRUPOS (COM ORIENTAÇÃO DO MNA)
Marcação prévia obrigatória: 213912800 / se@mnaa.dgpc.pt
Idiomas disponíveis: português, inglês, francês e italiano
Até 20 participantes: € 60,00
Gratuito para escolas do Ensino Básico e Secundário.

VISITA-JOGO
7 janeiro, 4 fevereiro, 4 março: 11h30
Crianças dos 6 aos 12 anos
Inscrições individuais, limitadas, por ordem de chegada até à sexta-feira anterior: 213 912 800 / se@mnaa.dgpc.pt
Gratuito



92. Atribuído a Jan Provost (c. 1465-1529), Santa Maria Madalena, inícios do segundo quartel do século XVI, Museu de Arte Sacra do Funchal/Diocese do Funchal

D. Manuel, do Machico, ou os conjuntos retabulares de grandes dimensões realizados para capelas da Sé do Funchal, para conventos urbanos ou mesmo para pequenas e médias igrejas paroquiais, como as da Ribeira Brava, da Madalena do Mar e da Calheta. No seu conjunto, permitem realizar uma síntese de toda a narrativa da exposição, documentando, com particular brilho, a riqueza do património madeirense dos séculos XV e XVI que resultou do esplendor cultural proporcionado pelo ciclo económico do «ouro branco».



43. Imaculada Conceição, Flandres, oficina de Malines (?), início do século XVI, Museu de Arte Sacra do Funchal/Diocese do Funchal



38. Virgem com o Menino (pormenor), Flandres, oficina de Antuérpia (?), início do século XVI, Igreja Matriz da Ribeira Brava

Na transição do século XVI para o século XVII, acompanhando a ascensão de um novo ciclo económico na Madeira – o do vinho – que compensou a deslocação do principal centro produtor do açúcar



41. Atribuído a Pieter Coecke van Aelst (1502-1550), Tríptico de Santiago Menor e de São Filipe, c. 1527-1531, Museu de Arte Sacra do Funchal/Diocese do Funchal

A Arte que o Açúcar Comprou
Se aos portos de Bruges e de Antuérpia chegava o açúcar da Madeira, transportado por mercadores tanto nacionais como estrangeiros, a diversas povoações do arquipélago foram chegando, com regularidade, ao longo de quase setenta anos, pinturas, esculturas, placas funerárias, tecidos e alfaias litúrgicas, provenientes dessas e de outras cidades da Flandres.

Parece ter sido fator importante no dinamismo deste comércio, tanto do açúcar como das obras de arte, não apenas o gosto pela arte flamenga, que parece muito enraizado junto das elites madeirenses, de origem nacional ou estrangeira – como os genoveses Lomelino e os florentinos Acciaiuoli –, mas também o papel desempenhado pelos feitores portugueses naquelas cidades da Europa.

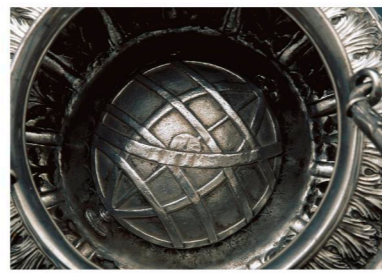
Após a década de 1540, a encomenda régia e a local privilegiaram as oficinas de Lisboa, acompanhando também a progressiva mudança de gosto que se vai registando um pouco por todo o Portugal, em favor do «modo romano» e, finalmente, do chamado ciclo do Maneirismo.



32. Retábulo dos Reis Magos (pormenores), Flandres, oficina de Antuérpia, c. 1530, Estreito da Calheta, Capela dos Reis Magos



22. Porto-paz, oficina portuguesa, Lisboa (?), 1500-1525, Museu de Arte Sacra do Funchal/Diocese do Funchal



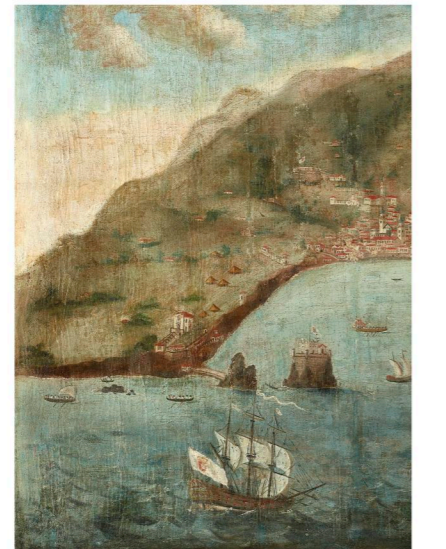
23. Caldeirinha (pormenor), oficina portuguesa, final do primeiro quartel do século XVI, Museu de Arte Sacra do Funchal/Diocese do Funchal

e colonização estenderam-se aos restantes arquipélagos portugueses da Macaronésia (Açores e Cabo Verde) e foram, sobretudo, um poderoso ensaio para a colonização do muito mais vasto território do Brasil.

(a população nativa dos Guanches), para trabalharem nos engenhos, documentando-se ainda hoje a presença de elementos dessas populações no ADN de segmentos da população madeirense, prova da sua quase total absorção.

Organizando a Terra Virgem

O povoamento e a exploração económica intensiva do arquipélago – a partir da tradição legislativa e administrativa portuguesa tardo-medieval, com destaque para a Lei das Sesmarias – inauguraram a criação das capitânias (Funchal, Machico e Porto Santo), e consequente escolha e nobilitação dos capitães-donatários, a instituição de capelas, a fundação de aldeias e vilas e, finalmente, de uma cidade elevada à cabeça de uma diocese. Estas soluções de administração, povoamento



13. Autor desconhecido, Bala da cidade do Funchal (pormenor), depois de 1757-1800, Lisboa, Arquivo Histórico Ultramarino

os nomes de Adão e Eva as primeiras crianças nascidas na Madeira. Reconhecidas e mapeadas as ilhas, iniciou-se o povoamento e a exploração deste tão fértil paraíso. Em meados do século XV, a economia açucareira implicou importantes inovações no sistema de produção existente. Foram adaptados os antigos processos de moagem e inventados novos dispositivos nas «moendas» ou «engenhos» e nas «casas de purga», utilizando-se formas que dariam origem aos famosos «pães de açúcar» exportados para toda a Europa. Essa imagem, marca de um orgulho nunca esquecido, permanece, até hoje, na heráldica da cidade do Funchal. Este complexo sistema económico e social de produção seria posteriormente transplantado para as Canárias, para o Brasil e para as Antilhas e, logo nas suas origens madeirenses, implicou o recurso a mão-de-obra escrava, que em parte o sustentou. A *Crónica de Guiné* de Zurara e outros testemunhos mais tardios estão cheios de referências aos cativos capturados nas costas do Norte de África, e em várias ilhas das Canárias

aventuraram-se a ir defrontar a misteriosa mancha que ocupava parte do horizonte e, ao chegarem, foram reconhecendo as linhas da costa, as ribeiras, as enseadas, a densa floresta laurissilva, as margens alcantiladas ou as suaves encostas e até as aves que vinham comer às mãos. A consciência enraizada de um Paraíso no meio do Atlântico terá levado os navegadores a batizarem com



6. Areiro, Oficina portuguesa, regional (?), c. 1590-1620, Funchal, Museu A Cidade do Açúcar – CMF



1. G. Child, gravador; desenhador desconhecido, Ilha da Madeira e dragoeiro (pormenor), c. 1745-1747, Funchal, Casa-Museu Frederico de Freitas

parte do espanto dos primeiros navegadores perante o novo território e prossegue com a evocação do esforço do povoamento e da implantação de estruturas económicas e administrativas no arquipélago, esta exposição dá a conhecer as elites comitentes locais através das suas encomendas – obras de pintura, escultura ou ourivesaria – provenientes da Flandres, do continente e até do Oriente. Numa última sala, expõem-se as mais destacadas obras-primas encomendadas, sintetizando, com particular brilho, a riqueza do património madeirense dos séculos XV e XVI, resultante do esplendor cultural proporcionado pelo ciclo económico do «ouro branco».



3. Pão de açúcar, açúcar cristalizado, século XX, Funchal, Museu A Cidade do Açúcar – CMF

A INTRODUÇÃO DO CULTIVO da cana-de-açúcar no arquipélago da Madeira, nos finais da primeira metade do século XV, e o desenvolvimento dessa produção em larga escala permitiram a exportação de açúcar para os portos da Flandres, primeiro através de Lisboa, depois diretamente. Aumentou, assim, por toda a Europa, o consumo do «ouro branco», alterando hábitos alimentares e algumas práticas medicinais. Em paralelo, cresceu a importação para o arquipélago de bens destinados a satisfazer as devoções e a definir o estatuto social dos novos grupos populacionais constituídos à sombra dos canaviais e da economia açucareira.

Ao longo de uma narrativa que parte do espanto dos primeiros navegadores perante o novo território e prossegue com a evocação do esforço do povoamento e da implantação de estruturas económicas e administrativas no arquipélago, esta exposição dá a conhecer as elites comitentes locais através das suas encomendas – obras de pintura, escultura ou ourivesaria – provenientes da Flandres, do continente e até do Oriente. Numa última sala, expõem-se as mais destacadas obras-primas encomendadas, sintetizando, com particular brilho, a riqueza do património madeirense dos séculos XV e XVI, resultante do esplendor cultural proporcionado pelo ciclo económico do «ouro branco».

O Açúcar no Paraíso

Apesar de o arquipélago da Madeira aparecer registado na cartografia desde o século XIV, só em 1418 os navegadores portugueses, envolvidos em expedições na costa africana e nas Canárias, aportaram à ilha do Porto Santo. Um ano depois, esses e outros navegadores, agora comandados por Gonçalves Zarco,

EXPOSIÇÃO
As Ilhas do Ouro Branco
 ENCOMENDA ARTÍSTICA NA MADEIRA
 SÉCULOS XV-XVI

16-NOV-2017
 18-MAR-2018



The Islands of the White Gold
 ART COMMISSIONS IN MADEIRA
 15th-16th CENTURIES

OPENING TIMES
 Tuesday - Sunday:
 10h00 - 18h00

TICKET PRICE
NORMAL
 Exhibition: € 6,00
 Exhibition + Museum: € 10,00

CHILDREN (UNTIL 12 YEARS INCLUSIVE) + ICOM + AICA + PRESS + TEACHERS AND GUIDES IN FORMATION OR EXERCISE OF FUNCTIONS
 Exhibition: Free
 Exhibition + Museum: Free

I3 TO 18 YEARS
 Exhibition: € 3,00
 Exhibition + Museum: € 9,00

SENIOR (MORE THAN 65 YEARS)
 Exhibition: € 3,00
 Exhibition + Museum: € 6,00

SCHOOLS/BY STUDENT (FREE FOR THE ACCOMPANYING TEACHER)
 Exhibition: € 2,50
 Exhibition + Museum: € 2,50

UNIVERSITIES/BY STUDENT (FREE FOR THE ACCOMPANYING TEACHER)
 Exhibition: € 3,00
 Exhibition + Museum: € 3,00

DCPC + GAMNA
 Exhibition: € 3,00
 Exhibition + Museum: € 3,00

TOURIST AGENCIES AND OPERATORS
 Exhibition: 10% discount for groups of 20 tickets

ORIENTED TOURS
GENERAL PUBLIC
 (from November 24th):
 Wednesday, Friday and Sunday, 15h30
 (except December 1st, 8th, 24th and 31st)
 Limited registrations, in order of arrival, up to 30 minutes before:
 213 912 800 / exhibition ticket office
 € 3,00 per person

GROUPS (WITHOUT MNAA ORIENTATION, WITH OR WITHOUT GUIDE)
 Tuesday - Sunday
 Booking in advance: 213912800 / se@mnaa.dgpc.pt
 (no visits allowed on March 17th and 18th)

GROUPS (ORIENTED BY MNAA)
 Booking in advance: 213912800 / se@mnaa.dgpc.pt
 Available in Portuguese, English, French, Italian
 Up to 20 participants: € 60,00
 Free for Basic and Secondary schools

VISIT-GAME (ONLY IN PORTUGUESE)
 January 7th, February 4th, March 4th: 11h30
 Children from 6 to 12 years old
 Booking in advance, until the previous Friday,
 limited by order of arrival:
 213 912 800 / se@mnaa.dgpc.pt
 Free



82. Attributed to Jan Provoost (c. 1465-1529), St. Mary Magdalen, beginning of the second quarter of the 16th century, Museu de Arte Sacra do Funchal/Diocese do Funchal

from the Cathedral, the Virgin Mary traditionally identified as the “Virgin of Dom Manuel”, from Machico, or the large-sized altarpieces made for the chapels of Funchal Cathedral, for urban convents or even for small and medium-sized parish churches, such as those of Ribeira Brava, Madalena do Mar and Calheta. All together, they provide a synthesis of the whole narrative of the exhibition, documenting, with particular brilliance, the wealth of the Madeiran artistic heritage from the fifteenth and sixteenth centuries, resulting from the cultural splendour made possible by the economic cycle of the “white gold”.



43. Immaculate Conception, Flanders, Malines workshop (?), early 16th century, Museu de Arte Sacra do Funchal/Diocese do Funchal



38. Virgin and Child (child), Flanders, Antwerp workshop (?), early 16th century, Parish Church of Ribeira Brava

on wine) that was to compensate for the transfer of most of the sugar production to Brazil, completely new types of artistic imports were to be made. It was at this time that the archipelago began to welcome ivory, porcelain and lacquered pieces,



41. Attributed to Pieter Coecke van Aelst (1502-1550), Triptych of St. James the Less and St. Philip, c. 1527-1531, Museu de Arte Sacra do Funchal/Diocese do Funchal

The Art that Sugar Bought
 While both Portuguese and foreign merchants were transporting the sugar from Madeira to the ports of Bruges and Antwerp, for almost seventy years the archipelago's various settlements received regular shipments of paintings, sculptures, tomb plaques, textiles and liturgical implements, coming from these and other cities in Flanders. The important driving forces behind this trade, both in sugar and works of art, were not only the taste for Flemish art that was deep-rooted among the Madeiran elites, of both Portuguese and foreign origin – such as the Genoese Lomelino or the Florentine Acciaiuoli families –, but also the role played by the chief factors of the Portuguese *feitorias* (commercial outposts) in those European cities.

After the 1540s, both the royal commissions and those that were made by local people gave special privilege to the Lisbon workshops, also accompanying the changes that were gradually taking place in tastes all around Portugal, with a shift in preference towards the “Roman style”, and ultimately to the so-called cycle of Mannerism.

During the period of transition from the sixteenth to the seventeenth century, accompanying the beginning of the new economic cycle in Madeira (now based



32. Altarpiece of the Magi (details), Flanders, Antwerp workshop, c. 1530, Estreito da Calheta, Chapel of Reis Magos



22. Pax, portuguese workshop, Lisbon (?), 1500-1525, Museu de Arte Sacra do Funchal/Diocese do Funchal



23. Holy water bucket (detail), portuguese workshop, end of the first quarter of the 16th century, Museu de Arte Sacra do Funchal/Diocese do Funchal

Diocese. These solutions were extended to the other Portuguese archipelagos of Macaronesia (the Azores and Cape Verde) and they amounted, above all, to a powerful test for the later colonisation of the much vaster territory of Brazil.

a later date are full of references to the captives that were taken along the coast of North Africa and in several of the Canary Islands (the native Guanche population), and who were brought to work at the sugar mills. Even today, there is documentary evidence of traces of these populations in the DNA of some of the Madeiran population, serving as proof of their almost complete absorption.

Organising the Virgin Land

The settlement and economic exploitation of the archipelago – based on the legislative and administrative traditions that prevailed in Portugal in the late Middle Ages, most notably the land grant system of the *Lei das Sesmarias* – inaugurated the creation of captaincies (Funchal, Machico and Porto Santo), and the consequent appointment and ennoblement of the captain-doneses, the setting up of chapels, the foundation of villages and towns, and, finally, the creation of a city that was raised to the status of a



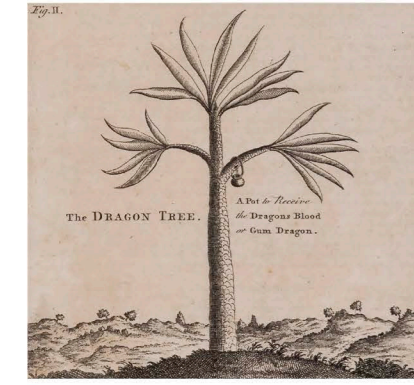
13. Unknown artist, Bay of the City of Funchal (detail), after 1757-1800, Lisbon, Arquivo Histórico Ultramarino

christen the first children to be born on the island of Madeira with the names of Adam and Eve. After the islands had been reconnoitred and mapped, the first steps were taken for their settlement and for the exploitation of this extraordinarily fertile natural environment. In the mid-fifteenth century, the sugar-based economy called for important innovations to be introduced into the existing system of production. The old milling processes were adapted and new mechanisms were invented, consisting of “grinding stones”, “sugar mills” and “refining houses”, together with the use of special moulds that gave rise to the famous “sugar loaves”, later exported all over Europe. The image of these loaves, which stands as the mark of a never forgotten pride, is still perpetuated today in the coat of arms of the city of Funchal.

This system of production proved to be a complex matter in both economic and social terms, and it was subsequently transplanted to the Canary Islands, Brazil and the Indies. From the very beginning of its origins in Madeira, it relied on the use of slave labour that partly sustained its continued development. Zurara's *Crónica da Guiné* and other testimonies written at



6. Sand-box, portuguese (regional?) workshop, c. 1590-1620, Funchal, Museu A Cidade do Açúcar – CMF



1. G. Child, engraver; unknown drawer, Island of Madeira. The Dragon Tree (detail), c. 1745-1747, Funchal, Casa-Museu Frederico de Freitas

these and other navigators, now under the command of Gonçalves Zarco, decided to investigate the mysterious patch that appeared before them on the horizon. On arriving there, they began by exploring the coastlines, streams and inlets, the dense laurisilva forest, the steep crags of the river banks and the gently sloping hillsides, as well as the birds that came to eat from their hands. Their profound impression that they had discovered a paradise in the middle of the Atlantic Ocean led the settlers to



3. Sugar loaf, crystallised sugar, 20th century, Funchal, Museu A Cidade do Açúcar – CMF

The introduction of sugar cane farming into the archipelago of Madeira towards the end of the first half of the fifteenth century, coupled with the subsequent large-scale development of its production, meant that sugar could be exported, at first through Lisbon and then directly, to the ports of Flanders. In this way, the consumption of the “white gold” spread across the whole of Europe, altering people's eating habits and leading to a change in some medicinal practices. These exports were matched by a parallel growth in the imports to Madeira of artistic goods intended both to satisfy the devotional needs and to define the social status of the new population groups that developed around the cane fields as a result of the sugar-based economy.

This exhibition traces a narrative that begins with the awe that the first navigators felt when they discovered the new territory and continues with an evocation of the efforts made to populate the archipelago and to implant the much-needed economic and administrative structures. It introduces us to the newly-formed local elites that cemented their status by commissioning works of art – paintings, sculptures and silverware – from Flanders, the Portuguese mainland, and even from the Orient. Displayed in the last room are the most important masterpieces that were commissioned, offering visitors a sparkling synthesis of the great wealth of the Madeiran artistic heritage of the fifteenth and sixteenth centuries, resulting from the cultural splendour made possible by the economic cycle of the “white gold”.

Sugar in Paradise

Although the archipelago of Madeira had already been shown on maps since the fourteenth century, it was only in 1418 that, in the course of their expeditions to the African coast and the Canary Islands, the first Portuguese navigators finally landed on the island of Porto Santo. A year later,